CAPISTRANO DE ABREU

SUA MOLESTIA E SEUS ULTIMOS MOMENTOS

A' obsequiosidade de uma distincta senhorita devemos a permissão de transcrever alguns trechos de uma carta em que uma sua amiguinha, pertencente a uma illustre familia cearense, residente no Rio, descreve com grande felicidade de expressão e muito espirito de observação a molestia e os ultimos momentos do nosso eminente conterraneo Capistrano de Abreu, que era tido em alta estima pela referida familia.

Diz a referida carta:

Rio, 14—7—927.

«Quando esta receberes, já estarás preparada por telegramma para receber a tristissima noticia da perda do nosso grande Capistrano. Não avalias quanto me tem commovido esta cousa, que ainda me parece um sonho! Si cá estivesses, certamente o terias visitado no porão onde adoeceu e morreu hontem ás 5 1 2 da manhã.

Crê-me: nunca vi doente mais cercado de amizades e de carinho, de tantas visitas levadas por interesse effectivo, de tanta sympathia. O enterro tambem foi digno delle, da sua simplicidade pro-

verbial, do seu desprendimento das vaidades humanas.

O caixão foi carregado a mão pelos amigos mais intimos e todo o acompanhamento a pé. Gostei dessa nota tão caracteristica do respeito geral que elle inspirou, e nunca vi tantos amigos em pranto como hontem. Ao fechar-se o caixão, houve uma verdadeira agglomeração, cada qual se chegava mais perto para dar-lhe o ultimo beijo; não ficou só nos filhos como geralmente é a praxe.

Foi uma congestão pulmonar que o matou. A molestia teve altos e baixos successivos, com terriveis accessos de dyspnéa; ainda na noite anterior á sua morte assisti a um accesso terrivel, de 6 ás 8 horas; não achava geito nos travesseiros; gemia de metter dó. Ainda assim eu julgava que elle não morresse nessa noite, mas ás 5,25 de sabbado succumbiu numa asphyxia horrorosa, ao que me disseram. Só perdeu a fala uma hora e a consciencia total dez minutos antes de morrer. Durante toda a molestia o espirito nunca vacillou um momento. Uma lucidez perfeita! Um dia em que elle passou muito mal e que apenas me permittiram que lhe pegasse na mão, elle foi abrindo os olhos e perguntou: «Como vae o Moret?» (Este é o sabio egyptólogo francez, que nos tem deliciado com conferencias magistraes sobre o Egypto).

Eu respondi: «Infelizmente faltei ás tres ultimas devido a muitas atrapalhações (que eram a propria molestia delle, de Padrinho e de Mamãe) Replicou: «Pois faz mal; devia ir!»

Por isto podes ver o interesse, que guardou por tudo até o fim.

Uma tarde que estava melhorzinho, foi me vendo e murmurou (para inticar commigo): «Olá, poetiza:» e vendo mamãe: «Mãe das musas!»

Não gostei de ouvir que, 2.ª feira, elle havia consentido em mudar-se da rede para a cama: vi nisso um máo presagio, porquanto aquella rede

fazia parte integrante de sua vida. Ainda assim, na ante-vespera da morte estive lá á noitinha e achei-o mais animado, com um barrete na cabeça, sentado bem alto, dominando o quarto. Felicitei-o, e elle me chamou para junto da cama, dizendo: «Sentai-vos, caricia». Eu disse: que bonito tratamento! e elle respondeu: «Pois que nome hei de dar a uma moça?»

Nesse dia ainda murmurou uma longa frase latina, que não entendi, pois falava muito baixo. E quando quiz levantar-me para não fatigal-o, elle reclamou: «Mal você vem me ver, e já quer ir embora?» Eu disse que não, que era somente para elle não falar de mais. Então beijou-me a mão, dizendo: «Lembranças ao mais velho do que eu» (Referia-se ao Padrinho). Foi esta a ultima cousa que ouvi directamente de sua bocca. Medicos havia lá nunca menos de seis, sendo dois de uma dedicação tão grande que passavam ao lado delle dia e noite.

O frio nesta ultima quinzena foi desagradabilissimo, tanto que Padrinho e Mamãi adoeceram ambos nestas idas e vindas entre nossa casa e a de Capistrano. Mamãi ainda conseguiu ir lá antes do enterro, mas Padrinho, coitado, nada mais poude fazer sinão mandar-me lá diversas vezes por dia. Elle soffreu um abalo immenso e tem chorado muito. E' tão natural, e quê falta vae fazer-lhe o hospede infallivel do jantar das terças-feiras, tão bom e leal amigo!

Havia cerca de um anno elle estava declinando visivelmente, arrastando os pés e com uma grande falta de appetite.

Segundo seus desejos muitas vezes externados, foi inhumado na sepultura de seu filho Abril (Fernando), que morreu na grippe de 19».

(Do *Correio do Ceará*, de 16 de Setembro de 1927).

Rio de Janeiro, 23 de Agosto de 1927.

Ill.mo Snr. Barão de Studart.

Amigos e discipulos de Capistrano de Abreu, sabedores de quanto seu admiravel exemplo contribuiu para elevar a intellectualidade de nosso meio, unimo-nos para procurar tirar os corollarios d'essa grande vida e prolongar-lhe tempos afóra o benefico influxo.

Desejariamos que, no mesmo modestissimo porão, cella monastica onde viveu, meditou, trabalhou e morreu, se conservasse intacta a bibliotheca que lhe serviu de officina mental. Catalogada e posta em ordem; enriquecida com livros novos de continuadores dos mesmos estudos do Mestre; se tornaria o nucleo central de uma forte cultura a bem de nossa terra e em homenagem de respeito ao grande morto. As obras d'este, esgotadas em sua quasi totalidade, seriam reeditadas e completadas; os ineditos que deixou, publicados e distribuidos. Os valiosos documentos que são as cartas por elle escriptas, e as que recebeu, precioso manancial de estudo d'estes ultimos trinta annos, principalmente em suas manifestações intellectuaes, viriam a luz. Crear-se-iam premios, estimulantes para as investigações historicas, geographicas e ethnographicas. Promover-se-ia a traducção para o vernaculo das obras dos viajantes naturalistas e

sabios que percorreram o Brasil no seculo XIX conforme um seu ardente desejo.

Para dar fórma e organisar tal gremio, preito de affeição e de respeito á memoria do brasileiro excepcional que foi Capistrano de Abreu e protesto de continuação de sua obra e da vitalidade do espirito que o animou, tomamos a iniciativa de propor a todos aquelles que o amavam e lhe seguiram a direcção scientifica, collaborarem no dever de lhe servir o pensamento.

Ao amigo convidamos, para esse fim, que nos levará a reunirmos á travessa Honorina n.º 45, Domingo, 11 de Setembro, ás 2 horas da tarde.

PAULO PRADO
JOÃO PANDIÁ CALOGERAS
EUGENIO DE CASTRO
MIGUEL ARROJADO LISBÔA
ADRIANO DE ABREU
M. SAID ALI
JAYME COELHO
RODOLPHO GARCIA
AFRANIO PEIXOTO
THEODORO SAMPAIO
AFFONSO DE E. TAUNAY
E. ROQUETTE PINTO